

A METÁFORA: DIFERENÇAS LINGUÍSTICAS DE JOVENS E ADULTOS SURDOS QUE INTERFEREM EM SUA INTERPRETAÇÃO

Jessica Ferreira de Carvalho¹
Mariana Gonçalves Ferreira de Castro²
Valeria de Oliveira Silva³

Introdução

Segundo a lei 10436/2002, art. 1º do Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é:

“a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.”

Como aponta acima, a Libras é uma forma de comunicação e expressão da comunidade surda e, como qualquer outra língua, tem uma função importante no desenvolvimento dos processos cerebrais da

criança surda, pois o surdo, mesmo não fazendo parte de um meio familiar que domine a Libras, sua comunicação naturalmente estará voltada para o canal visual. Isso demonstra que a Libras não é um código que é ensinado à pessoa surda, mas é adquirido espontaneamente à medida que a pessoa surda é exposta ao ambiente linguístico de falantes em Libras (MOURA, 2013).

O “Curso de Língua Portuguesa para Surdos como Segunda Língua - Nível 2” vinculado ao Programa Rompendo Barreiras: luta pela inclusão (UERJ), tem por objetivo desenvolver a Língua Portuguesa nas modalidades de leitura e escrita para jovens e adultos surdos, estudantes de ensino médio e superior, como segunda língua (L2). Dentre as atividades desenvolvidas no projeto, trazemos como recorte o uso de metáforas em contextos diversificados, a partir das práticas pedagógicas adaptadas, levando os estudantes surdos a contextualizar, compreender a semântica e a interpretação de metáforas presentes em diferentes gêneros textuais.

Palavra-chave:

metáfora, língua portuguesa, libras, interpretação.

¹ Graduanda em pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – jessicadecarvalho20@gmail.com

² Mestre em Educação e Professora Assistente de Libras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – marianagfcastro@gmail.com

³ Mestre em Educação e Professora Assistente em Educação especial do Cap-UERJ e Coordenadora Pedagógica do Programa Rompendo Barreiras: luta pela inclusão– prof.valeria_libras-braille@hotmail.com

Considerando que a Libras é uma língua desenvolvida espontaneamente e é homologada por lei, é direito do aluno surdo ter acesso à educação que respeite a sua primeira língua (L1) e desenvolva um ensino em língua portuguesa como segunda língua (L2), como prevê o Decreto 5626/2005, artigo 14 e 22, que recomenda uma educação bilíngue, onde a Libras seja utilizada para instruir o processo de aprendizagem da L2 na modalidade escrita. Entretanto, a avaliação deste aluno deve ser diferenciada. Deve-se levar em consideração que a Libras é sua primeira língua, a língua que ele pensa e se constitui como sujeito social, e recomenda-se a avaliação em Libras através do uso de multimídia e/ou que a redação escrita valorize a semântica do texto e não a gramática pela gramática. Portanto, o presente artigo tem por objetivo apresentar uma das atividades desenvolvidas no projeto “Curso de Língua Portuguesa para surdos como segunda língua – nível II”, com o recorte sobre a compreensão da metáfora da língua portuguesa em diferentes gêneros textuais, por jovens e adultos surdos concluintes do ensino médio com faixa etária de dezoito a trinta anos. Em nosso labor, não temos a preocupação de trabalhar a oralidade com os alunos surdos, pois consideramos o desenvolvimento da oralidade competência da fonoaudiologia. O foco deste trabalho é a aprendizagem da língua portuguesa na modalidade da leitura e da escrita como segunda língua para surdos.

Interpretando a metáfora na língua portuguesa

A metáfora do latim significa “algo sem sentido”, é uma palavra ou uma expressão que é utilizada de forma incomum e que transmite uma relação analógica ou de comparação entre dois termos. Para a interpretação da metáfora é necessário compreender os sentidos conotativos de palavras, expressões e sentenças. Mas, como indivíduos surdos conseguem entender metáforas da língua portuguesa se a Libras possui sua gramática própria e seu modo de compreender os termos em língua portuguesa é diferenciado?

Esta questão norteou nossos estudos. É necessário que o aluno surdo desenvolva a habilidade de escrever e ler textos em língua portuguesa. A maioria dos alunos que fazem parte do projeto almeja realizar provas de concursos e vestibulares e galgar passos em sua vida acadêmica. Por isso, o domínio da

compreensão da metáfora em língua portuguesa é de extrema importância, porque a maioria dos textos que são selecionados nas provas de concurso possuem metáforas, em diferentes gêneros textuais, como: charges, crônicas, contos, história em quadrinhos, ditados populares, dentre outros.

Por meio desta necessidade observada, iniciamos a busca de metodologias que contribuíssem para essa aprendizagem. E nas discussões e práticas em sala de aula, analisamos que um dos caminhos para auxiliar a interpretação da metáfora pelo surdo é o da “comparação” da semântica entre as duas línguas (Língua Portuguesa -Libras).

O organograma abaixo (Figura 1) demonstra o processo de interpretação e de compreensão da metáfora em língua portuguesa como L2 por alunos surdos que apresentam a Libras como L1.

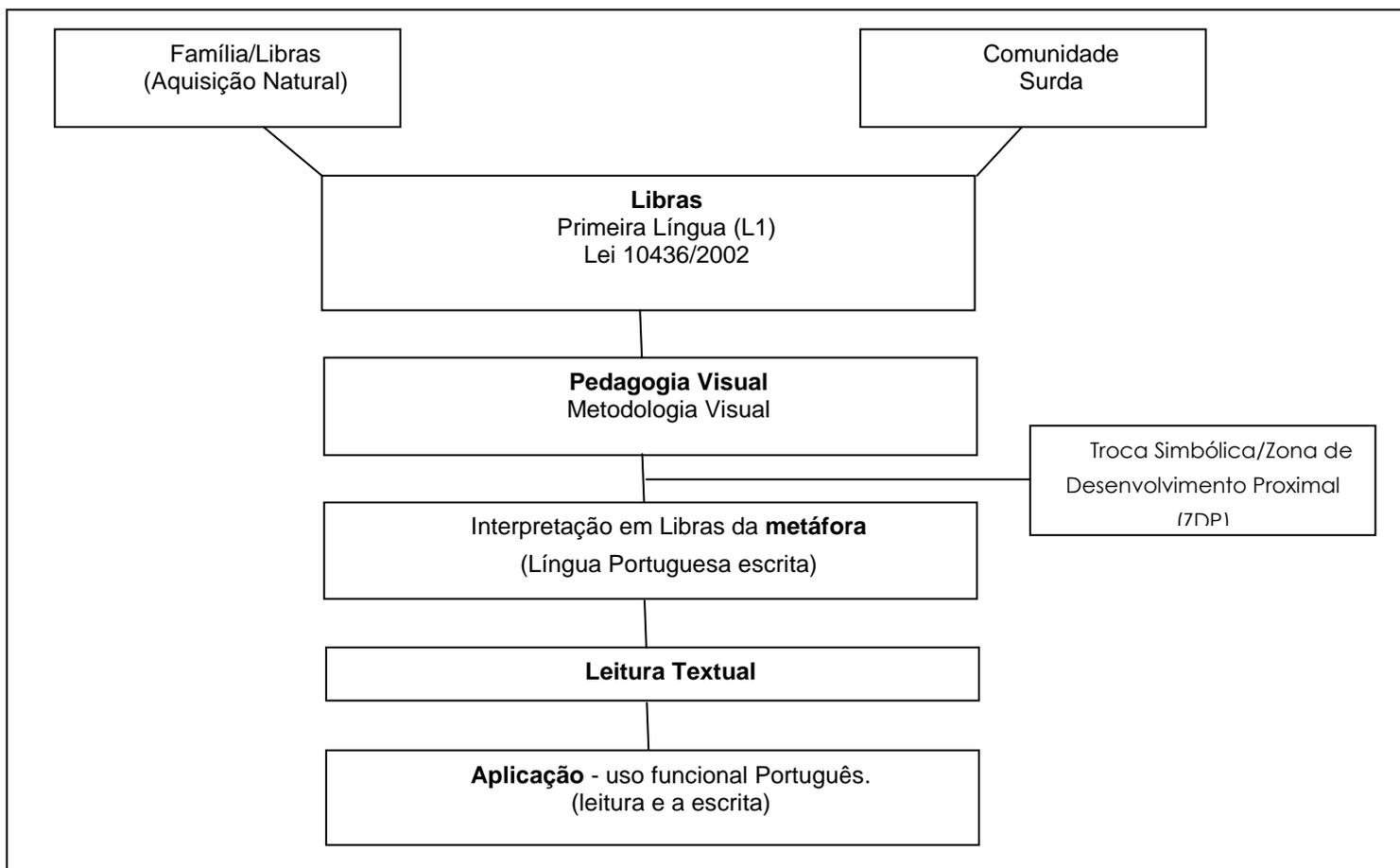


Figura 1: Organograma do processo de interpretação e compreensão da metáfora pelo surdo.

A figura do organograma foi criada pelas elaboradoras do projeto e, por questão didática, será explicada, separadamente, cada etapa do processo. Porém, o processo é dinâmico e as etapas não acontecem de forma estanque.

Para o surdo compreender a metáfora ou qualquer figura de linguagem da Língua Portuguesa é necessário que antes o mesmo domine a Libras.

Para o surdo compreender a metáfora ou qualquer figura de linguagem da língua portuguesa é necessário que antes o mesmo domine a Libras, pois esta deve ser a primeira língua do surdo. Só há aprendizagem, se os processos mentais forem organizados em uma língua. No caso dos surdos, a Libras.

Portanto, a Libras é adquirida pelo surdo através da **família** (que saiba Libras) e a **comunidade surda** proficiente em Libras. Estas são as bases para o ensino da L2, pois se a L1 do aluno não está devidamente adquirida, será impossível a aprendizagem da L2. A dificuldade aparecerá posteriormente no momento de serem elaboradas as devidas comparações com as línguas em questão. Então, é importantíssimo a **aquisição da Libras como L1** pelo surdo.

Com a primeira língua (L1) já adquirida, a criança surda é capaz de aprender a segunda língua (L2). Para isso o professor deve utilizar estratégias de ensino com recursos visuais próprios de acordo com a **Pedagogia Visual** elaborada por Karin Strobel (2009), que são estratégias visuais para facilitar o entendimento do surdo do conteúdo em questão; estratégias que podem ser: representações imagéticas, teatro, mapas conceituais, dentre outros. Como já foi citado, o canal visual é muito potencializado no surdo e isto é uma das características da identidade surda que é multicultural. Ao mesmo tempo em que o surdo tem sua própria cultura, ele tem a oportunidade de vivenciar a cultura dos ouvintes, pois o surdo é um indivíduo que vive entre dois mundos diferentes: o mundo do surdo e do ouvinte (BRASIL, 2004, p.

46). E este é um dos motivos da importância da Metodologia visual na aprendizagem do aluno surdo, que segundo Lacerda, Santos e Caetano:

“[...] se encontram imersos no mundo visual e apreendem, a partir dele, a maior parte das informações para a construção de seu conhecimento. [...] para favorecer a aprendizagem do aluno surdo, não basta apenas apresentar os conteúdos em Libras, é preciso explicar os conteúdos de sala de aula utilizando toda a potencialidade visual que essa língua tem.” (2013, p.186).

Ao utilizarmos as estratégias visuais, o professor regente deverá dialogar e negociar o texto com os alunos utilizando a Libras. Não basta somente utilizar o recurso visual. Antes de realizar a **interpretação** por escrito em língua Portuguesa, trabalhamos a habilidade da leitura individual e coletiva em Libras, pois o surdo só é capaz de escrever aquilo que ele pode conceituar. O conceito, o significado do texto escrito precisa ser trabalhado primeiro em Libras. Não há interpretação literal e nem correspondência sinal e palavra, e vice-versa. A Libras não é linear. Por isso a metáfora não é interpretada palavra por palavra e sim o conceito e a ideia principal do texto. Para isso, utilizamos desenhos, dinâmicas, dramatizações, exemplos e outros recursos que possam levar a pessoa surda a uma compreensão do texto.

Um exemplo desta metodologia é uma das atividades que elaboramos com o provérbio “Quem conta um ponto, aumenta um ponto”, para trabalhar a questão da metáfora, na qual a interpretação pelo surdo do provérbio será literal, pois a semântica desta frase quando interpretada para a Libras dará um significado diferente, porque a palavra “ponto” pode significar para o surdo não um sentido de um fato, um acontecimento e uma história. Mas podem relacionar o sinal “ponto” com a “pontuação de texto” por exemplo. É por isso, que a “comparação” entre os termos é de grande importância, pois serão relacionados com elementos que farão sentido a este provérbio. Por exemplo, o provérbio comparado a uma dinâmica (o telefone sem fio adaptado para os surdos), onde os alunos viveram na prática o sentido do provérbio. A dinâmica aconteceu da seguinte forma: foi solicitado aos alunos que se posicionassem em fila e, quando o colega de trás chamasse o da frente, contaria uma história em Libras elaborada pelo professor e o outro faria a mesma coisa, e assim sucessivamente, até chegar ao último da fila, que contará a história que chegou até ele. Perceberiam que a história ficou totalmente modificada

abrindo a oportunidade para discutir o real sentido da metáfora do provérbio, através da comparação entre a frase e a dinâmica.

Entre estas etapas ocorre o que Vygotsky (1992) conceitua como “Troca simbólica / Zona de desenvolvimento proximal (ZDP)”, onde a “transmissão” do saber não acontece apenas através do professor, mas por todos os indivíduos que estão envolvidos neste processo de aprendizagem que é nomeado como o “par mais capaz”. E nas aulas isto é nitidamente observado quando um aluno não conhece uma palavra da língua portuguesa e o outro está apto a responder.

É o que acontece quando começamos a trabalhar a **leitura textual** da crônica de Carlos Drummond de Andrade - o assalto. Ocorreu uma grande troca de conhecimentos, um aluno lê e interpreta o texto em língua de sinais, enquanto os outros observam a explicação do colega acrescentando outras observações pessoais suas, e assim a aula se torna uma troca de conhecimento e de leitura de mundo. Segundo Paulo Freire (1981):

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). [...] Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo”. (Paulo Freire – Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas, novembro de 1981).

O aluno surdo necessita chegar a escola com leitura de mundo, ou seja, com a proficiência em Libras, saber argumentar, fantasiar, escolher, criticar, resumir, questionar, criar, e outros artefatos cerebrais que só a aquisição de uma língua permite. Antes de ler um texto ele necessita ler o conhecimento de mundo que está implícito no texto através da Libras. Caso contrário, dificilmente ele atingirá a etapa seguinte que descreveremos abaixo.

Ao final da sequência metodológica o objetivo a ser alcançado é a compreensão da metáfora e a leitura e escrita da língua portuguesa para o desenvolvimento da **aplicação** do uso funcional do português. O aluno será capaz de utilizar os conceitos aprendidos em seu cotidiano, alcançando a finalidade da educação que é a alteração de sua vida prática. Ou seja, o aluno estará com a sua

bagagem sobre vocabulário, definições, questões, etc, mais ampliada e significando a sua aprendizagem.

Considerações finais

Nosso projeto ainda está em pleno percurso e observamos alguns resultados de curto e médio prazos. Alguns alunos demonstram-se mais interessados na utilização, com autonomia, de multimídias em redes sociais, tais como facebook, wthasapp, skype, dentre outros. Outros demonstram maior curiosidade em leitura de jornais, reportagens e noticiários de acontecimentos sociais, trazendo perguntas de vocábulos desconhecidos. Demonstrando ávidos em aprender a língua portuguesa.

Enfim, a turma está em pleno desenvolvimento cognitivo e demonstra alegria de estar no projeto. Os participantes trazem temas do cotidiano familiar, situações de conflitos ocorridos em suas casas, apresentando plena confiança entre os membros do grupo.

Acreditamos que o processo é longo e contínuo. Não há fim em si mesmo. A aprendizagem é um caminho. O que nos importa não é o produto final, mas a luta, a dinâmica no processo da aprendizagem.

Referências bibliográficas

BRASIL.DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005.Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 16/11/2015

BRASIL. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 16/11/2015

BRASIL. PROGRAMA NACIONAL DE APOIO À EDUCAÇÃO DOS SURDOS. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica/ Heloisa Maria Moreira Lima Salles ... [et al]. _ Brasília : MEC, SEESP, 2004.

FREIRE, Paulo. Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas, novembro de 1981.

□

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; CAETANO, Juliana Fonseca. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: _____ (Org). Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à libras e educação de surdos. Rio de Janeiro: EDUFSCAR, 2013. P. 185-200.

MOURA, Maria Cecília. Surdez e linguagem. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (Org). Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à libras e educação de surdos. Rio de Janeiro: EDUFSCAR, 2013. P. 13-26.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 2. Ed. Rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

VYGOTSKY, L. – “Interação entre aprendizado e desenvolvimento” em Formação Social da Mente. SP, Editora Martins Fontes, 1992.